

O Interior do Quarteirão de Santo António,
Guimarães

Sara Isabel da Silva Marques Ferraz
Junho de 2007

OBJETO E LOCALIZAÇÃO

“A cidade cresceu e surpreendeu-nos. O ambiente urbano, que aprendemos a ver essencialmente como uma forma, um agregado de edifícios e outros espaços construídos, determinado pela história e pelo desenho, como coisa estável, compacta e permanente, é agora outra coisa: é um organismo ampliado, parte de uma rede, um sistema global de centralidades em permanente competição, atracção de fluxos e mobilidade, informação, capitais, um palco do consumo e do espetáculo efêmero, feito de bits de informação, mas de muita incerteza e imponderabilidade. “

BRANDÃO, 2001:22

CONTEXTO

O Quarteirão de Santo António, trata-se de um espaço inserido na área designada por “zona tampão” (responsável pela articulação entre a cidade antiga e as zonas mais recentes). É um espaço que, por um lado, traduz uma fase de crescimento da cidade para o exterior do recinto muralhado e, por outro lado, pode ser visto como um remate de uma sucessão de espaços públicos (largo do Toural e alameda de S. Dâmaso) que acompanham o perímetro do casco histórico (figura 1).

“A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade; e existem muitos tempos na forma da cidade.”

(ROSSI apud MESQUITA, 2007:70)

É na época *Barroca* que a sua tipologia atinge uma maior complexidade e alcança um papel mais claro na forma urbana (CABRAL, 2004:15). O seu espaço resulta do traçado dos grandes eixos viários que passaram a unir pontos importantes da cidade adquirindo formas irregulares (figura 2). A sua constituição mantém-se semelhante à da época medieval, na qual existe o edifício construído à margem da rua e um espaço de logradouro voltado para o interior (espaços esses que viriam a definir o interior do quarteirão).

Com a chegada do século XIX, marcado pela revolução industrial, pelas rápidas e grandes transformações. Como consequência da escolha de regresso aos centros urbanos gera-se uma necessidade de novas construções, os tecidos urbanos atingem estados de saturação, aumentando não só em altura mas também em profundidade. Os logradouros das cidades tradicionais, outrora usados para cultivo, jardins privados ou espaços de trabalho, transformam-se, nos dias de hoje, em espaços residuais, ou seja, solo disponível para construção.

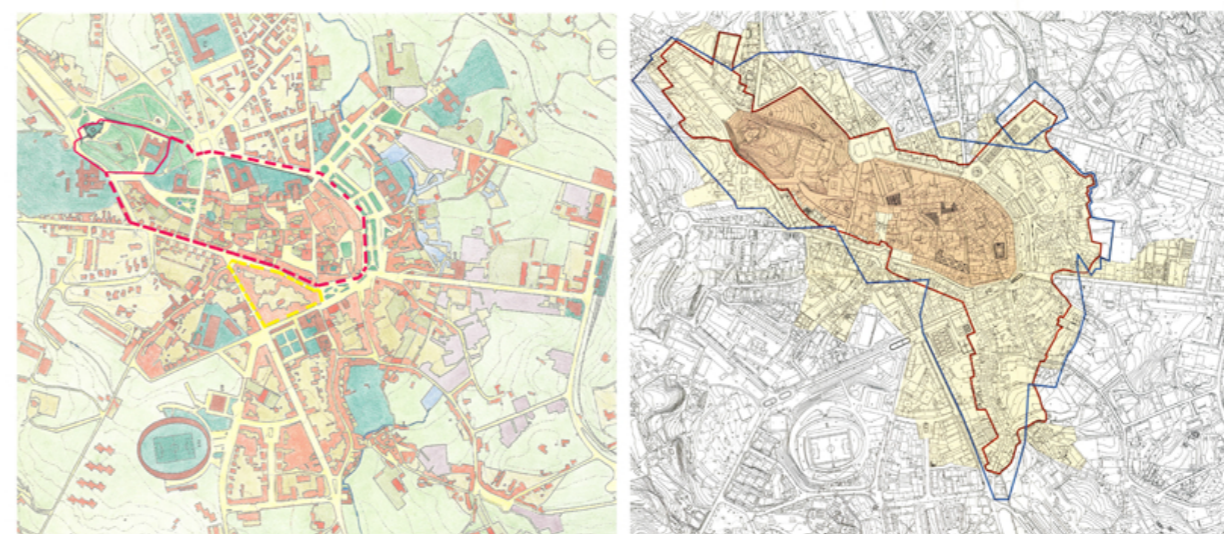


Figura 1 - Mapa do século XX (Fonte: CMG e GTL, 1998)

Limite do centro histórico e limite das áreas de preservação/ intervenção (Fonte: CMG e GTL, 1998)

- LEGENDA:
- - Limite da primeira cintura de muralhas: século X
 - - Limite da segunda cintura de muralhas: século XIII/XIV
 - - Id. do Quarteirão
 - - Área de Intervenção do GTL
 - - Área de Intervenção do IPPAR
 - - Id. do limite do Centro Histórico.
 - - Id. do limite da Área 'Tampão'.



Figura 2 - Evolução do Quarteirão de Santo António

(Fonte: GTL, 2002)

ANÁLISE | ATRAVESSAMENTOS E PERMEABILIDADES

Ao observar o Quarteirão de Santo António, percebe-se que a localização e dimensão conferem-lhe algum destaque face à cidade. É um espaço que preenche cerca de 22 200m² de área urbana dos quais cerca de 11 000m² são construídos e dedicados à habitação e ao comércio.

O sistema viário existente, fluxo e continuidades, realça a oclusão do interior do quarteirão face à envolvente, ou seja, aparenta existir uma forte divisão entre o que é espaço interior e privado e o que é exterior e público. Porém, o Quarteirão de Santo António não é tão impermeável quanto aparenta já que existem quatro momentos que permitem rasgar esta barreira (figura 3). Destas permeabilidades resultam dois atravessamentos que articulam as ruas que o delimitam. Os percursos são maioritariamente privados uma vez que, apesar da permeabilidade ser gerada através de ruas públicas, o seu atravessamento é feito através de espaços privados. No caso do atravessamento entre as ruas Gil Vicente e Santo António a permeabilidade acontece com recurso ao centro comercial Santo António e é unicamente pedonal; no caso do atravessamento entre as ruas Gil Vicente e Paio Galvão faz-se através de parques de estacionamento privados mas de acesso e uso públicos.

Apesar das fronteiras entre espaço público e privado serem pouco claras e apesar das fragilidades ambientais e funcionais que revelam, são muitos os cidadãos que recorrem a estes percursos nos movimentos quotidianos. No entanto, os movimentos pedonais são condicionados pelo carácter privado do solo, estando dependentes dos horários de abertura das garagens e do centro comercial, bem como das estratégias de manutenção e controlo tomadas pelos proprietários.

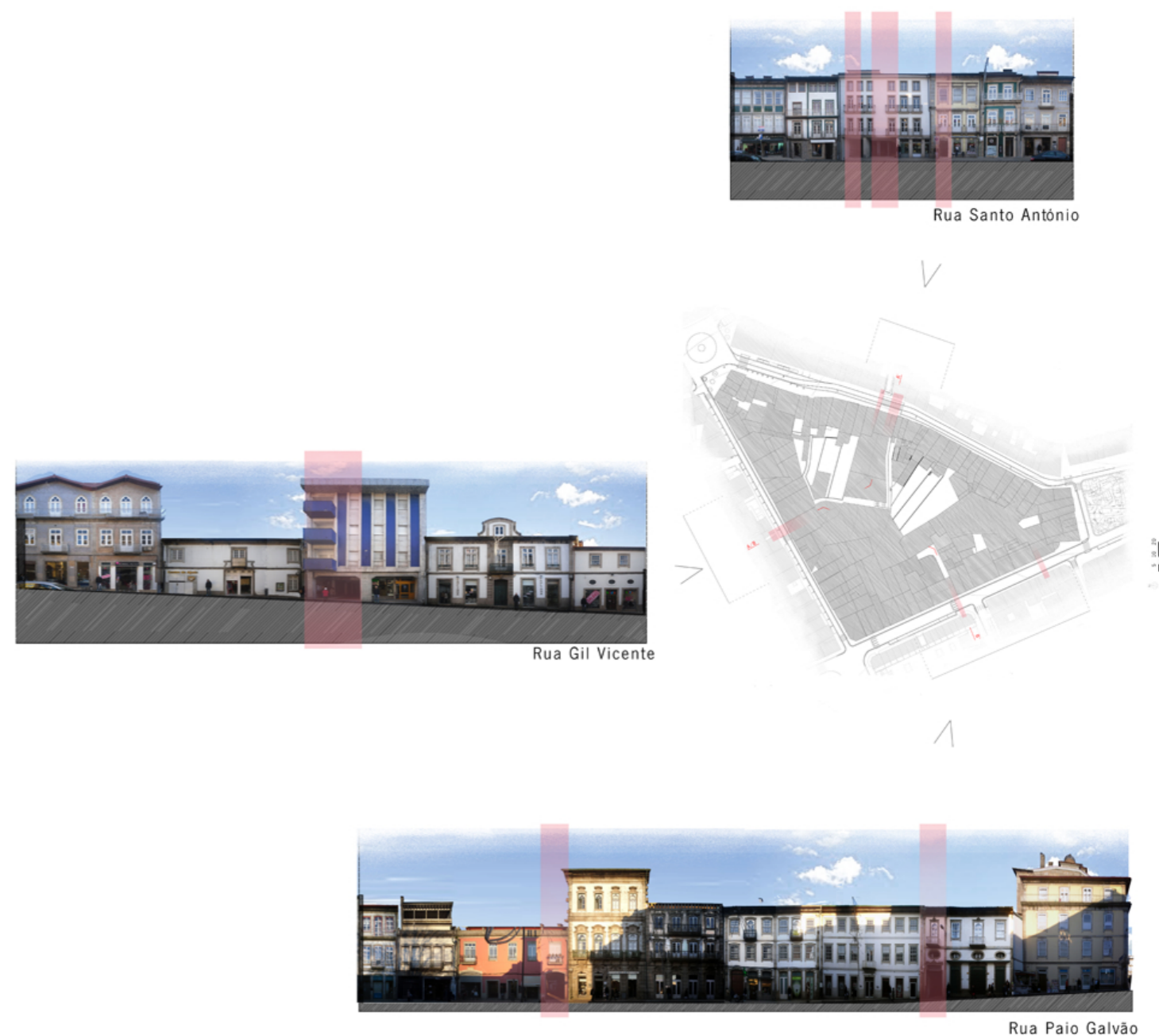


Figura 3 - Alçados com a identificação dos acessos ao interior do Quarteirão. Constata-se que a composição dos alçados não enfatiza os pontos de contacto do interior do Quarteirão com a cidade

ANÁLISE | EDIFÍCIOS

Tendo em conta um inquérito efetuado com o objetivo de identificar os usos existentes no edificado (figura 4). Verifica-se que existe uma grande variedade de usos que preenchem todo o rés-do-chão do quarteirão, relacionando-se com a rua. Os edifícios que se encontram relacionados com o interior do quarteirão são maioritariamente anexos e armazéns sendo grande parte da área ocupada por garagens. Nos pisos seguintes a percentagem de ocupação diminui e muitos dos pisos encontram-se atualmente vazios.

Verificou-se que cerca de 45% dos pisos encontram-se vazios e que, 2 dos 65 edifícios que compõem o quarteirão estão completamente vazios e cerca de 18 têm apenas um dos pisos ocupado. A esta situação acrescenta-se, também, o facto de 17 dos 65 edifícios não possuírem entrada independente (dos quais, sete estão parcialmente vazios).

No centro comercial Santo António os espaços comerciais encontram-se, na grande maioria, encerrados, à exceção das duas lojas com frente para a rua de Santo António, do estacionamento e dos edifícios que fazem fachada para a rua (funcionam como escritórios privados). Em situação quase semelhante encontra-se o centro comercial Palmeiras e o centro comercial Fundador, situados na rua Gil Vicente.

Existe ainda um restaurante, construído no limite de um dos logradouros que apesar da grande afluência, é muito fechado e não promove relações com o espaço exterior. No período noturno, com o encerramento do centro comercial e da garagem, o acesso é escuro e desconfortável.

Um dos motivos para as cidades se expandirem para as periferias foi precisamente a escassez de área útil para novas construções nos núcleos das antigas cidades. Estas são locais de vida intensos, muito infraestruturados, nas quais, cada porção de solo disponível, edifício que fica devoluto são de valor público, não devendo ficar sem função por demasiado tempo, mas sim, ser reaproveitado e a sua função repensada. Neste sentido existem muitos edifícios/espacos no centro da cidade que não são devidamente aproveitados, um dado que contribui para o enfraquecimento dos centros e para o crescimento das periferias.

“Assume-se que o indivíduo quando faz uma escolha residencial não está somente preocupado com o que existe da janela para dentro do imóvel, mas também (e cada vez mais) com o que existe da janela para fora.”

HERMAN apud FREITAS, 2010:2

É na quantidade de espaços abandonados que se devem criar pequenos espaços, capazes de promover a modernização e a atratividade do antigo núcleo e proporcionar mais e melhores condições, não só aos que nele habitam mas também aos que o visitam. O que está “da janela para fora”, para além de influenciar a qualidade de vida dos habitantes, influencia a qualidade e funcionalidade do espaço envolvente. Este interior de Quarteirão, que é o exterior da janela de vários indivíduos, pode vir a reunir mais vantagens do que aquelas que apresenta.

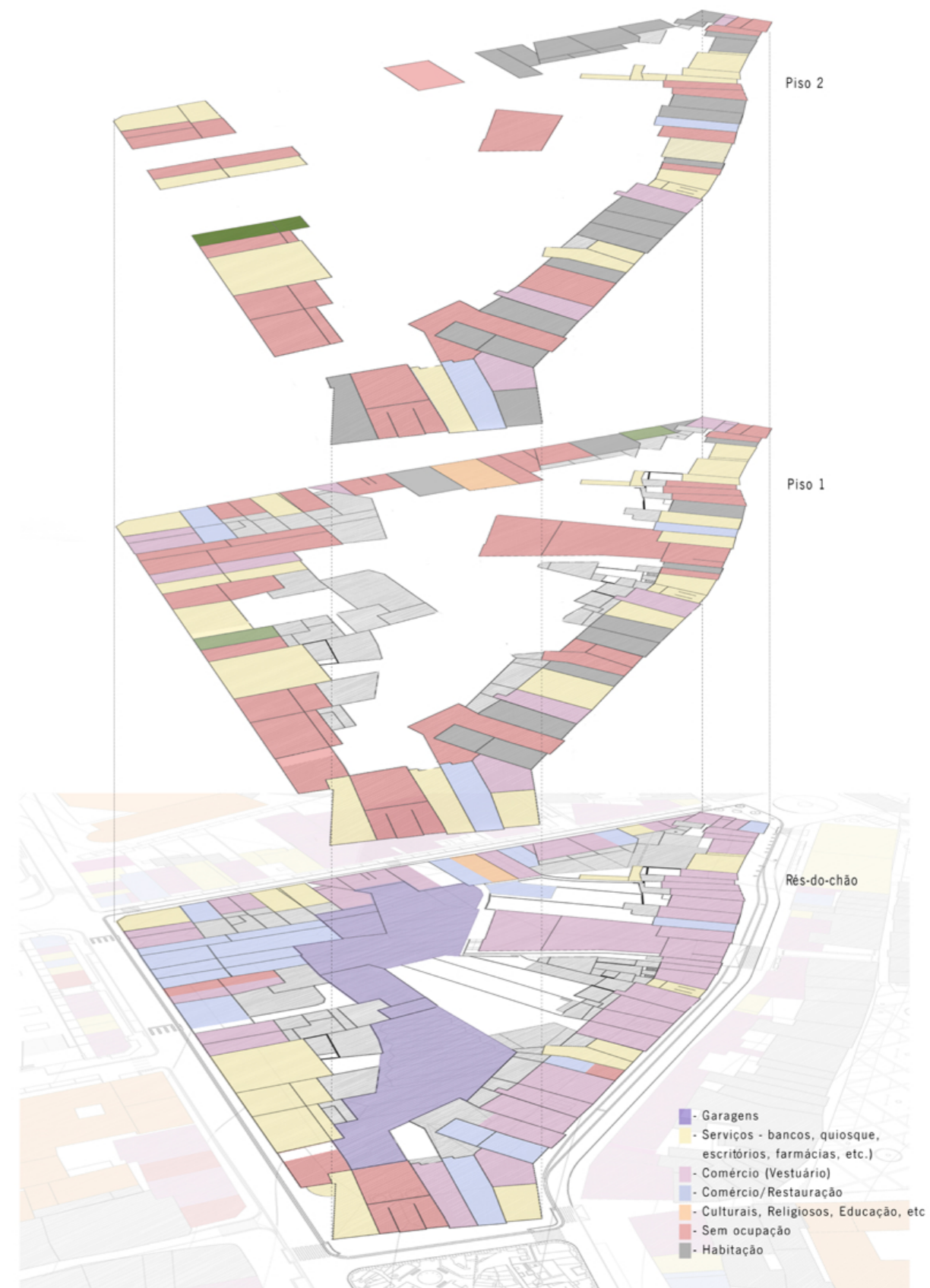


Figura 4 - Axonometria que demonstra o programa presente nos três primeiros pisos.

OBJETIVOS

“O silêncio das ruas desabitadas é, mais do que um crime, uma abjecção do mundo contemporâneo, que deixa perder ou assassina o sentido de existência. Porque uma cidade é feita de vizinhos. É feita de bulícios, gestos, choros, falas, congruências e incongruências. Passado e presente, memória e esquecimento. Uma cidade é feita de actos de viver: (...) atitudes concretas que fazem parte de um universo habitável e poético onde cada um por humilde e apagado que seja, desempenha o seu papel no jogo complexo e contraditório de ser cidadão”

PACHECO apud CARNEIRO, 2004:100

ESTRATÉGIA

No meu ponto de vista o Quarteirão de Santo António é um espaço que atualmente apresenta várias fragilidades do ponto de vista urbano e, conseqüentemente existem várias possibilidades de intervenção (pontuais ou mais abrangentes) que poderão contribuir para a afirmação deste espaço como um espaço livre, acessível e integrado no sistema de espaços públicos da cidade.

As principais fragilidades encontradas neste espaço são: os seus atravessamentos; o **centro comercial Santo António** e os **edifícios que compõe o Quarteirão**; as **garagens** e a **atual relação entre os edifícios e o interior do Quarteirão**. Optei por apresentar um conjunto de ações estratégicas que procuram solucionar as diversas fragilidades encontradas contudo, tendo em conta questões de viabilidade de execução da mesma, poderíamos focar apenas um ponto de intervenção ou proceder a uma intervenção faseada. O objetivo principal da proposta apresentada é contribuir para a afirmação e requalificação do quarteirão através de uma ação projetual sobre os seus principais espaços e percursos.

A ação proposta procura potenciar os atravessamentos e restabelecer as relações entre a frente urbana, a rua, e o que existe para lá dela, o interior do quarteirão.

Desta forma, a definição de *Cluster*¹, de José Samina, é ideal para descrever as principais intenções da proposta: *“gerado pelo desejo/necessidade de um espaço de transição da casa com a rua (...) apresenta-se-nos como uma unidade urbana capaz de criar lugares de descoberta e intimidade na cidade (...) funciona como alternativa ou refúgio em relação a outros espaços e artérias mais públicas e movimentadas da cidade.”* (SAMINA, 2013:17)

Porque se considera importante que o interior do quarteirão se destaque enquanto espaço livre e verde, que complementa e complexifica os espaços da cidade, seria importante repensar a organização do seu espaço interior de forma a consolidar a mancha verde. Desta forma, para além da diversidade de novos usos que o espaço interior do Quarteirão viria a acolher, as condições de mobilidade seriam melhoradas e seria conseguida uma articulação mais franca com o comércio de rua e com o centro comercial. De acordo com Nuno Portas, *“de que as novas formas urbanas se podem reconciliar, em termos económicos, com espaços exteriores mais apropriáveis pelos moradores (para jardinagem, horticultura e recreio, reduzindo a pressão para a segunda residência)”* (PORTAS apud MARQUES, 2009:67), este novo espaço procura ser precisamente isso: mais atrativo e um prolongamento para o exterior das habitações. A estratégia é, assim, a da criação de espaços públicos e privados articulados por elementos de fronteira mais flexíveis, de forma a potenciar a relação entre ambos e a criar um espaço livre amplo e único no interior do Quarteirão.

É pretendido que este novo espaço urbano, se revele atrativo para a população visitante e para os habitantes, que poderão usufruir de um espaço exterior equilibrado e valorizado.

Espaço Verde



Espaço Intersticial



Figura 5- Levantamento fotográfico e temático do interior do Quarteirão



¹ Cluster é um termo introduzido pelos CIAM10 em 1956 “surge enquanto realidade de associação urbana e representava uma tentativa de compreender o que era necessário para a consolidação de uma comunidade num lugar particular”, igualmente utilizado pelo arquiteto e urbanista Gordon Cullen. (SAMINA, 2013:17)

Os atravessamentos mantêm-se unicamente pedonais, ao ar livre, com uma relação direta com o espaço verde proposto para o interior do Quarteirão e com a passagem pelo centro comercial, acrescentando à sua valência *pragmática*, um ponto de vista *poético e estético*². Visto que é pretendido que *“os percursos pedonais promovam, para além de deslocações rápidas entre lugares, ao mesmo tempo estimulem o conhecimento de momentos diferentes no cenário urbano, tendo sempre em mente o conforto do peão”, “mesmo como espaços de intimidade e de algum isolamento, os clusters pretendem-se espaços urbanos de encontro e partilha social, criadores de um sentido de proximidade doméstica onde simultaneamente nos sentimos num espaço urbano e em contacto com a vivência das pessoas que o habitam.”* (SAMINA, 2013:15 e 18)

Através a consolidação da mancha verde são propostos espaços de estar ao longo dos atravessamentos, semelhantes a pequenas praças e onde o convívio social é intencional.

As áreas de logradouro, numa fase inicial, seriam espaços de carácter semi-público esperando porém que, com esta nova imagem do interior do Quarteirão, os proprietários dos edifícios voltem a ter vontade de relacionar o interior das habitações com o novo espaço, possibilitar a criação de uma entrada secundária para os pisos superiores, resolvendo assim a falta de uma entrada direta para o pisos superiores.

Com a proposta de intervenção executada, o interior do Quarteirão de Santo António transforma-se num espaço público com uma relação mais franca e direta com a cidade e com o espaço verde. O carácter de espaço protegido do reboliço urbano é mantido pela pequena dimensão das passagens, ritmada pela métrica das fachadas existentes e tornando este espaço num lugar público e, simultaneamente, íntimo.

Para o Centro Comercial Santo António pretende-se que seja conseguida uma maior versatilidade dos seus espaços comerciais, para que possa albergar uma maior variedade de usos – escritórios, espaços para exposições, consultórios, etc. A intervenção deverá ainda potenciar a sua relação com a Rua de Santo António, transformando o seu interior num prolongamento da Rua e, deverá conseguir ainda, uma maior relação do Centro Comercial com o interior do Quarteirão.

²José Samina caracteriza o percurso através de três valências: pragmática, poética e estética. A pragmática está relacionada com o carácter funcional que nos liga de um ponto ao outro. A poética caracteriza o que se pode encontrar no percurso, enquanto o atravessamos, que o possam tornar numa experiência espacial estimulante. A estética está interligada com as valências anteriores e caracteriza-se pela forma, materiais que fazem parte da poética do espaço e evidenciam o seu aspeto funcional, e tipo de atividade social própria para o lugar. (SAMINA, 2013:14)

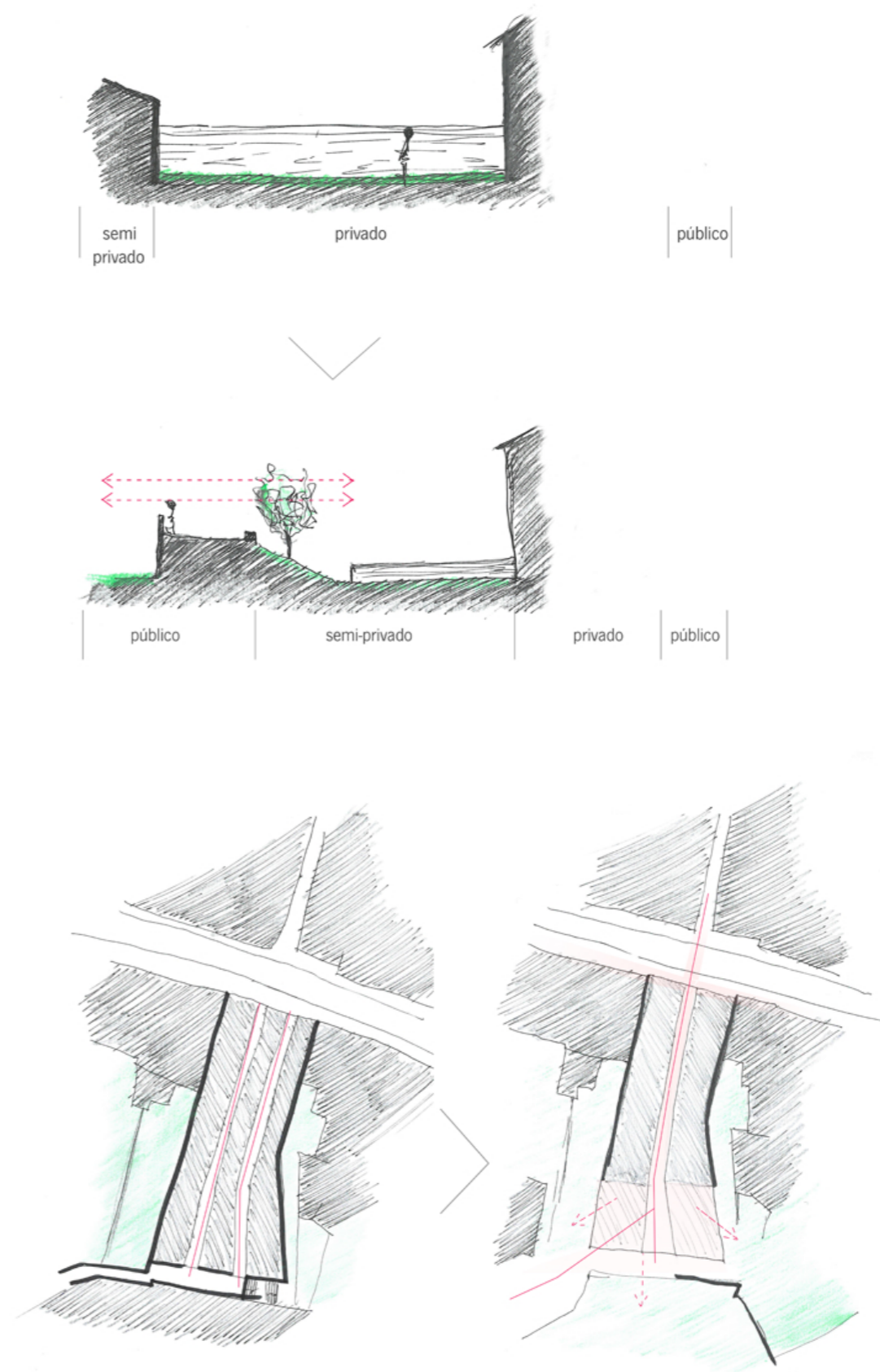


Figura 26 - Conjunto de desenhos e estratégias de Intervenção

TRANSFORMAÇÃO

“Um espaço feliz é um lugar que provoca, pacífica e espontaneamente, uma sensação de acolhimento, instigando a troca e a criação, e despertando uma ligação afetiva em quem nele vive, pela memória que persiste nas pedras, solidificando imagens, identidades e signos “

BACHELARD apud ORTEGOSA, 2009:2

PERMEABILIDADES E ATRAVESSAMENTOS

São propostos atravessamentos com quatro pontos de acesso ao interior do Quarteirão. Três deles são os que já ligavam as ruas Gil Vicente, Paio Galvão e Santo António ao interior, surgindo agora uma quarta ligação ao largo do Toural.

Para os três existentes a proposta de intervenção foi pensada de forma a torná-los mais atrativos com uma maior luminosidade e salubridade, propõe-se a alteração do pavimento e cores mais claras para revestir o seu interior. O quarto acesso surge pois possibilita que a sucessão de espaços públicos entre a alameda de S. Dâmaso e o largo do Toural se estenda agora para o interior do Quarteirão; num acesso filtrado que atravessa um edifício, atualmente, sem uso e que, simultaneamente, poderá contribuir para a sua reativação. É proposto uma intervenção mais pontual, para o piso térreo, os vãos existentes passam a ser portas envidraçadas, permitindo uma maior permeabilidade e tirando partido do movimento gerado, é proposto um pequeno espaço de exposições.

Destes quatro acessos surgem quatro atravessamentos que mantêm a função anterior (de atravessamento) e que agora conduzem a espaços de estar e lazer. Optou-se por suprimir os edifícios que, após a análise efetuada no capítulo anterior, se revelaram mal aproveitados ou abandonados e sem interesse arquitectónico. No entanto, privilegiou-se uma estratégia de preservação dos muros e estruturas existentes que, consequentemente, se tornam a base para o traçado e limites dos atravessamentos. A opção na escolha de um único material de revestimento para os pavimentos de todos os espaços de estar é feita com o objetivo de fortalecer a relação entre as ruas, o centro comercial e o interior do Quarteirão.



Rua de Santo Antonio



Rua Paio Galvão



Rua Gil Vicente

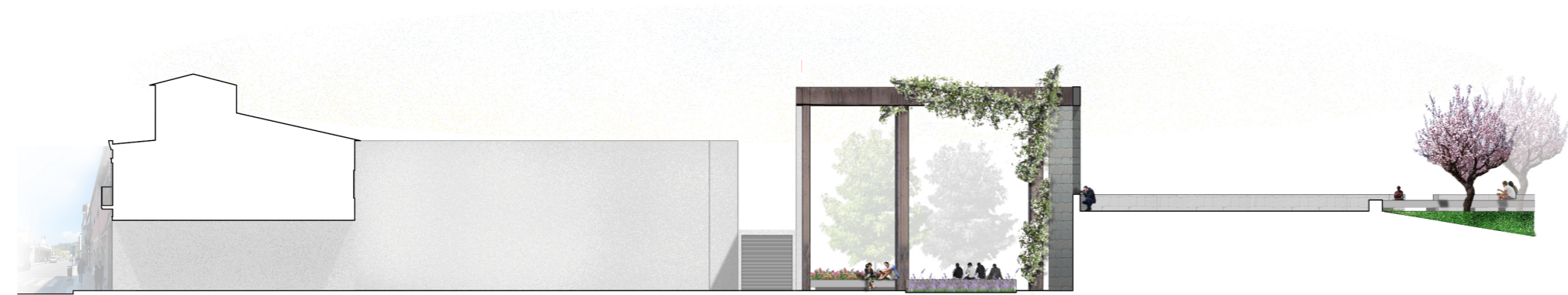


Largo do Toural

Figura 7 - Permeabilidades

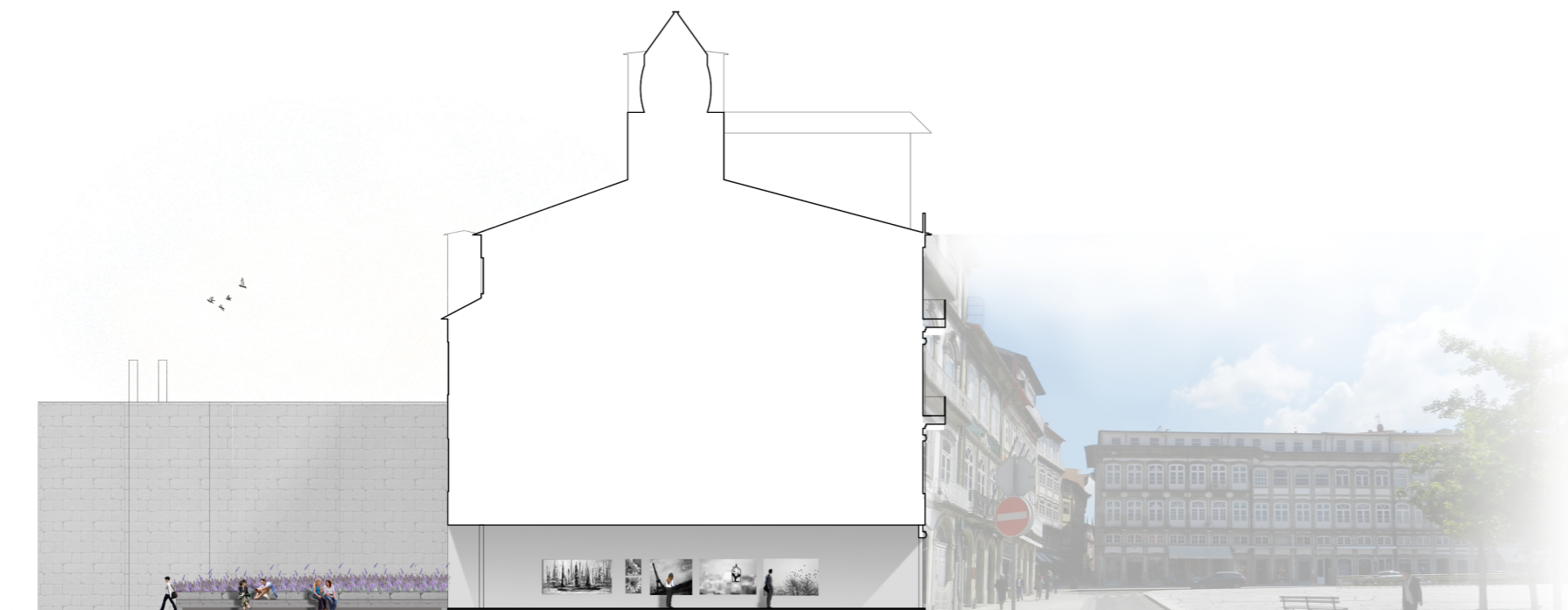


ACESSO | RUA SANTO ANTÓNIO



ACESSO | RUA PAIO GALVÃO

Figura 8 - Permeabilidades / Atravessamentos



ACESSO | LARGO DO TOURAL



ACESSO | RUA GIL VICENTE

Figura 9 - Permeabilidades / Atravessamentos



INTERIOR DO QUARTEIRÃO – ESPAÇOS DE ESTAR

Os atravessamentos, apesar de pontos de contacto comuns, têm características distintas. Os que surgem do largo do Toural e da rua Paio Galvão têm o Pátio da Memória como momento de 'chegada'. O primeiro atravessamento é traçado sobre a mancha verde proposta, optando-se por colocar o percurso a meio, para permitir, futuramente, a expansão dos logradouros. O muro a Este é mantido tal como as aberturas que nele existem, pois assim permite-se a permeabilidade visual para os logradouros e para o Pátio das Amendoeiras, despertando a curiosidade e funcionando como estímulo para percorrer o espaço. O segundo atravessamento é limitado pelos edifícios existentes e conduz de forma mais direta ao Pátio da Memória. Tal como o anterior, procede-se à abertura de um grande vão no muro existente para permitir um enfiamento visual ao longo deste atravessamento despertando, mais uma vez, a curiosidade sobre o Pátio das Amendoeiras.

Já os atravessamentos que surgem das ruas Gil Vicente e Santo António têm como ponto de chegada comum o Pátio de Santo António que, por sua vez, possui ligações muito fortes com os restantes espaços propostos. O primeiro adquire agora um enquadramento visual totalmente livre para o edifício do centro comercial, para o restaurante atualmente existente e para o novo espaço verde. O segundo mantém-se pelo interior do edifício do centro comercial porém com relações mais fortes com o espaço exterior.

A escolha dos materiais de revestimento para os elementos propostos, tal como a vegetação (escolhidas tendo em conta as suas características –aromáticas, cromáticas, etc.), são propostos de modo a promover e potenciar as estratégias propostas, tais como, estabelecer uma continuidade entre exterior e interior de Quarteirão, potenciando e concedendo um carácter mais poético aos atravessamentos e integrando as estruturas existentes, transformar este interior de Quarteirão num espaço mais atrativo, dotado de momentos de descoberta, diversão e repouso.

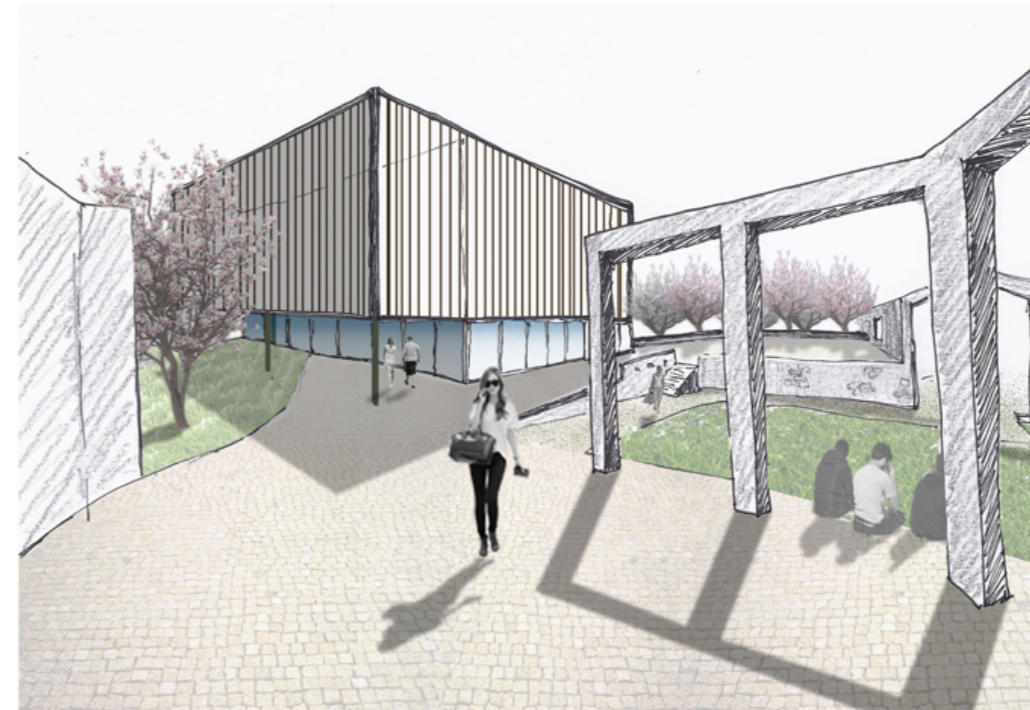


Figura 10 - Perspectivas do Pátio de Santo António e do Pátio da Memória



LEGENDA:

-  - *Magnolia x Soulangeana*
-  - *Prunus Dulcis (Amendoeira)*
-  - *Acer Saccharum*
-  - *Jasminum Nitidum (trepadeira)*
-  - *Lantana Camara*
-  - *Lavandula Angustifolia Mill*
-  - *Pennisetum Clandestinum*
-  - Calcada portuguesa de calcário
-  - Terraway
- 1** - Pátio das Amendoeiras
- 2** - Pátio da Memória
- 3** - Pátio Novo
- 4** - Pátio de Santo António
- 5** - Área lúdica

Figura 11 - Proposta de Intervenção: Planta de Coberturas
Escala 1:750

CENTRO COMERCIAL SANTO ANTÓNIO

Com o objetivo de aumentar a permeabilidade do acesso do centro comercial à rua de Santo António procede-se à eliminação da laje do segundo piso mas preserva-se o sistema estrutural -pilares/vigas em betão armado- (esta hipótese presume que se verificaria qualidade estrutural e viabilidade construtiva), conseguindo um pé direito duplo no corredor de circulação, que agora passa a ser apenas um no edifício, e espaços comerciais. Este acesso ao interior do Quarteirão é ladeado por espaços comerciais (agora com pé direito duplo parcial) com grandes e transparentes frentes de vidro. O vidro reveste também o tecto do corredor de circulação possibilitando a entrada de luz natural para o interior de todo o comprimento do edifício. Trata-se de uma solução referenciada nas passagens/galerias comerciais que, em grandes cidades europeias (como em Paris ou Londres), atravessam o interior dos quarteirões. Para os espaços comerciais, é proposta uma nova tipologia, mais versátil, podendo ter um ou dois pisos e albergar outro tipo de programas (escritórios, ateliers e espaços de exposição, etc.).

O edifício do centro comercial divide-se em dois volumes com ambientes distintos conseguidos através de pé direitos, diferentes formas de aberturas e filtros de luz.

No segundo volume, volta-se para o interior do quarteirão, será em betão e vidro revestido por um ripado de madeira (que funciona como um filtro que protege o espaço interior e ao mesmo tempo garante uma forte relação com o exterior), a solução inspira-se nas construções leves e muitas vezes efémeras que surgem nos quarteirões e vai ao encontro de uma vontade em diferenciar as construções do perímetro do quarteirão das que se implantam no seu interior. Ao nível do rés-do-chão, com pé direito comum, integra-se as instalações sanitárias, um átrio (voltado para sul, envidraçado) permitindo a contemplação do espaço exterior. No piso superior instala-se um espaço de café/restauração, com espaço de esplanada voltado, igualmente, para Sul.



Figura 12 - Perspectiva da galeria do Centro Comercial Santo António

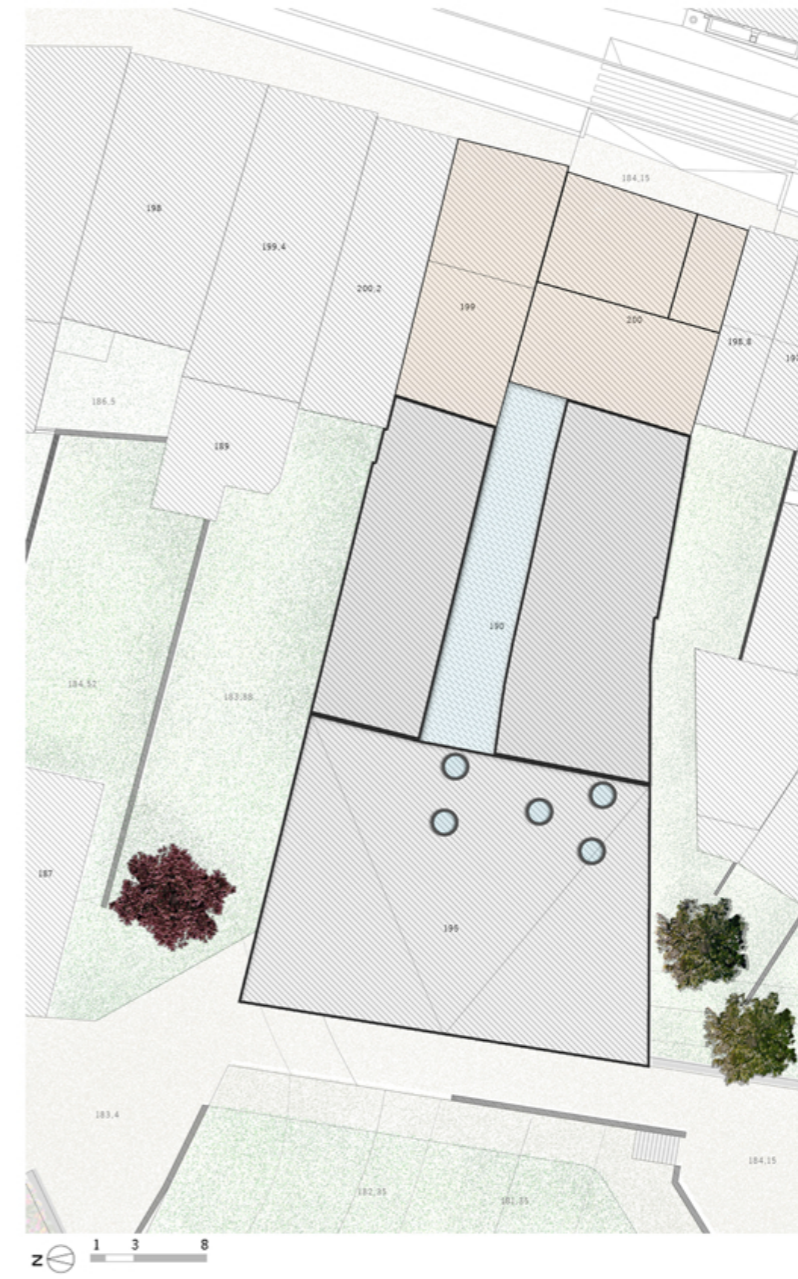
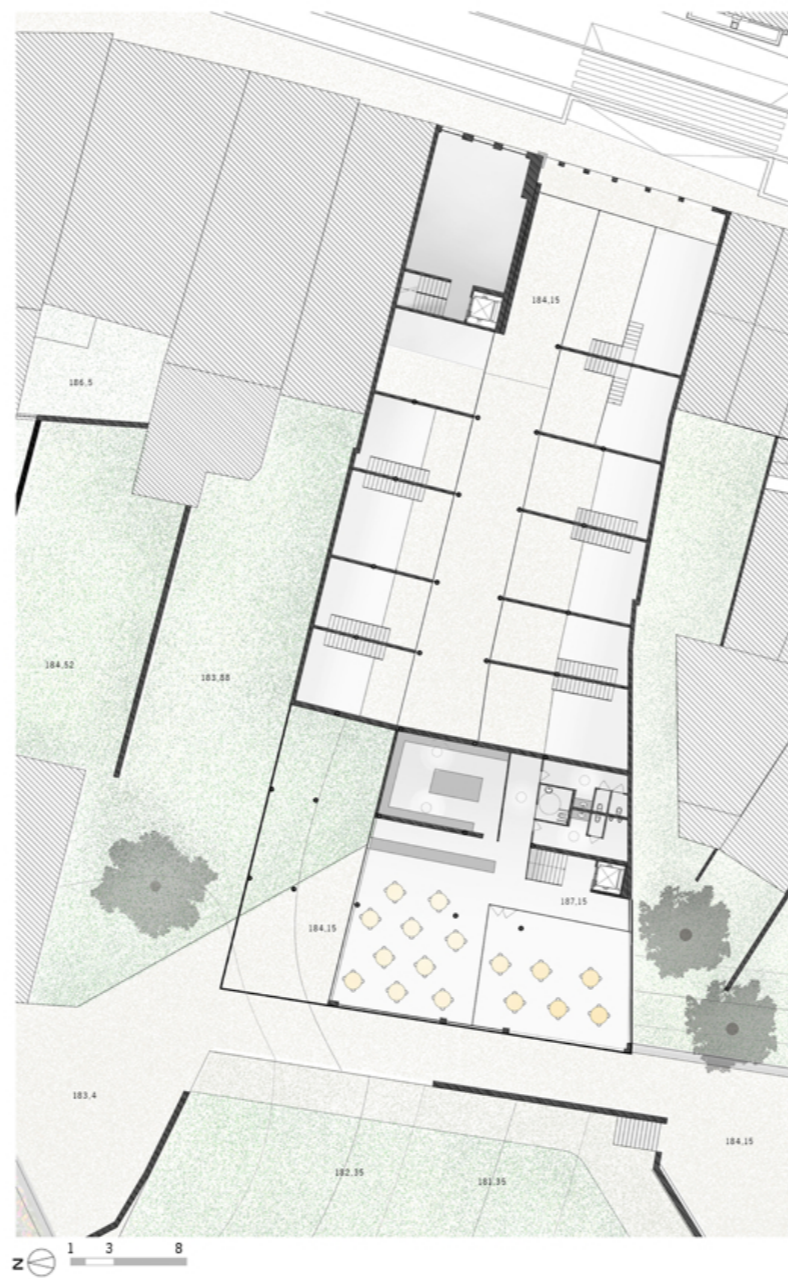


Figura 13 - Plantas do Centro Comercial Santo António Rês do chão | Piso 1 | Coberturas



Figura 14 - Perfis do Centro Comercial Santo António FF' | GG' | HH'

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, P. (2011), O sentido da Cidade. Ensaios sobre o mito da IMAGEM como ARQUITECTURA. Livros Horizonte.
- CABRAL, M. G. (2004/2005), O Interior do quarteirão: Potencialidades para a revitalização da Baixa Portuense. Prova Final do Curso de Arquitectura, FAUP, Porto.
- Câmara Municipal de Guimarães e Gabinete Técnico Local (1998), Guimarães: Cidade Património Mundial. Um objetivo estratégico. CMG, Guimarães.
- Câmara Municipal de Guimarães, Gabinete Técnico Local; Planeamento Urbanístico do Concelho (2002), Guimarães: Património Cultural de Guimarães, volume I e II. CMG, Guimarães.
- CARNEIRO, A. M. P. A. (2004), O património reencontrado - Centro Histórico de Guimarães, património da humanidade: a cidade enquanto memória, espaço de identidade e cidadania. Dissertação de mestrado em Antropologia, UM, Braga.
- DOMINGUES, Á. (1994), "(Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?", Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I Série, Vol. X/XI. Porto.
- FREITAS, Â., MARQUES, T. S., SILVA, F. B., (2010), Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia. Faculdade de Letras. Porto
- MARQUES, N. C. A. (2009/2010), Entre o quarteirão e o bloco: Espaços exteriores de uso residencial na habitação colectiva alemã e holandesa dos anos 20. Dissertação de Mestrado, FAUP, Porto.
- MESQUITA, S. V. Q. (2007/2008), Quarteirão Erasmus: proposta de uma estratégia de intervenção no centro histórico do Porto. Prova Final para Licenciatura em Arquitectura, FAUP, Porto.
- ORTEGOSA, S. M., (2009), Cidade e memória: do urbanismo <arrasa-quarteirão> à questão do lugar, Arqtextos.
- SAMINA, J. (2013), Quatro moradias, o interior de um quarteirão o núcleo funcional como organizador do espaço doméstico. Relatório Final, FAUTL, Lisboa.